

A construção do caráter de Cristo em *Paradise Regained*, de John Milton

The construction of Christ's character in *Paradise Regained*, by John Milton

Fernanda Teixeira Bragança

Universidade Federal do Espírito Santo

Leni Ribeiro Leite

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Investigaremos a relação de *Paradise Regained* com a épica clássica via análise de mecanismos do gênero epidítico na construção do caráter heroico de Cristo. Consideraremos a recepção da épica bélica pela tradição letrada cristã e a mescla de elementos bíblicos a estruturas retóricas de organização textual oriundas da Antiguidade. Observaremos como essa construção comenta elementos formais de representação do heroísmo, mas também discussões teológicas sobre virtudes e livre arbítrio. Argumentaremos que o caráter de Cristo se dá com elementos formais das épicas clássica e escritural, e de pressupostos renascentistas de construção de personagem, amparados pelo uso antigo do epidítico.

Palavras-chave: *Paradise Regained*; Cristo; Heroísmo; Virtudes; Caráter

Abstract: In this article, we investigate the relationship between *Paradise Regained* and classical epic poetry via analysis of the role of epideictic rhetoric in the construction of Christ's character. We take into account the reception of martial epics into the Christian literary tradition and the incorporation of biblical elements to rhetorical organisation tools originated in Antiquity. We discuss how the construction of Christ's character comments on formal elements of representation of heroism, while also touching on theological discussions regarding virtue and free will. We argue that Christ's character is structured via use of formal elements from both classical and biblical epic, and renaissance rules for the construction of character, which rely on Ancient use of epideictic.

Keywords: *Paradise Regained*; Christ; Heroism; Virtues; Character

Neste artigo, investigaremos a relação de *Paradise Regained* com a épica clássica através da análise de mecanismos do gênero retórico epidítico na construção do *éthos* heroico da personagem Cristo. Levaremos em conta a recepção da épica bélica pela tradição letrada cristã e a mescla de elementos bíblicos a estruturas retóricas de organização textual oriundas da Antiguidade clássica. Observaremos como a construção do caráter de Cristo permite realizar um comentário acerca dos elementos formais do gênero épico no que tange à categoria do herói, mas também sobre discussões teológicas acerca das virtudes cristãs e do livre arbítrio. Argumentaremos que a figura de Cristo é composta via emprego de elementos das épicas clássica e escritural, e dos pressupostos renascentistas de construção de personagem, que se amparam no uso antigo do epidítico.

Paradise Regained é um poema épico de tema escritural escrito por John Milton, poeta inglês da Primeira Modernidade, no qual se narra o episódio da tentação de Cristo por Satã no deserto. Ele é dividido em quatro livros, à maneira de outras pequenas épicas escriturais, como o texto bíblico de Jó, o qual utilizaremos como parâmetro de comparação para a maneira como o caráter de Cristo é estruturado. O poema miltoniano consiste de 2,070 linhas de *blank verse*; o primeiro livro inicia com a proposição ao tema: a recuperação do Paraíso pelo filho de Deus entre os homens. Cristo chega ao Jordão e é aclamado como filho de Deus após seu batismo pelo profeta João Batista. Até então, Cristo não fora marcado como campeão de Deus, mas, diante desse evento, Satã e seus seguidores se reúnem em assembleia, para discutir a nova ameaça ao seu status de influência sobre os homens.

Satã relembra o caos em que a Terra se encontrava até aquele momento, e seu discurso prevê a maneira como a história acabará: “[...] when that fatal wound / Shall be inflicted by the seed of Eve / Upon my head.” (PR, 1.53-55)¹. Satã propõe fazer algo para impedir que Cristo se torne rei entre as nações. Chega a crer que, por já haver causado a perda do Paraíso antes, desta vez, será igualmente simples. O Antagonista vai ao encontro de Cristo, cumprindo os propósitos da providência divina (PR, 1.129-165).

Cristo, repleto de questionamentos acerca de como iniciar sua missão, vagueia até o grande deserto e relembra sua infância. Naquela época, já apresentava aspirações de salvação do coletivo: “When I was yet a child, no childish play / To me was pleasing; all my mind was set / Serious to learn and know, and thence to do / What might be public good; myself I thought / Born to that end, born to promote all truth, / All righteous things” (PR, 1.201-206, grifo nosso)². Ele rememora o momento de seu nascimento e a vinda dos três reis magos, guiados por Deus, para presentear o futuro Messias. A profecia de sua vinda e o caminho trilhado por Cristo até o momento em que adentra o deserto selvagem são narrados. Nesse deserto, Cristo se depara com um andarilho que o questiona sobre o motivo de estar em um lugar tão inóspito. Logo percebe que o andarilho é Satã disfarçado e que a tentação, que durará por mais três livros (e culminará com a vitória de Cristo), já começou. O Messias resiste, e o primeiro livro termina com a chegada da noite sombria.

1 “[...] o momento em que aquela ferida fatal será dada, pela semente de Eva, em minha cabeça.” Todas as traduções são nossas, a menos que indicado o contrário.

2 “Quando ainda era criança, nenhuma brincadeira infantil me era agradável; eu estava por inteiro focado em aprender e conhecer, e pôr em ação, aquilo que trouxesse o bem comum. Pensava em mim mesmo havendo nascido para aquele fim, nascido para promover a verdade e todas as coisas justas.”

Concebido no final do século XVII, *Paradise Regained* estava inserido em práticas letradas que buscavam nos textos clássicos os modelos imitáveis por excelência. Em especial na épica bélica, tinham-se os moldes para se representar grandes feitos, e a presença desse gênero na produção letrada, desde a Antiguidade Tardia até a Primeira Modernidade, foi fortemente associada à representação de temas ou episódios bíblicos. Vickers (1983, p.500) traça a relação entre a retórica e o gênero épico ao longo de um extenso panorama, argumentando que ela se devia ao papel do epidítico na regulação do texto épico, e ao pertencimento do epidítico à retórica. Esta regulava diversos aspectos da vida pública e privada, especialmente a produção letrada, o que conferia à retórica (e, portanto, ao epidítico) relevância política. O panegírico, enquanto parte do epidítico, era empregado na realização de elogios e admoestações a governantes, de modo que o tal gênero se destacou pelo seu louvor às boas virtudes via elogio, e pela condenação dos vícios através do vitupério. O gênero epidítico possuía caráter moralizante, que, com a crescente presença do cristianismo na vida pública, ganhou conotações cristãs religiosas (VICKERS, 1983, p.501).

Na Primeira Modernidade, a preocupação com o vício e a virtude e o papel da retórica na educação do leitor refletiam na organização dos textos e dos gêneros, conforme o lugar que ocupavam nos extremos da moralidade. Isto é, os textos e as categorias genéricas eram divididos conforme o potencial moralizante de sua matéria, de maneira que, assim como na Antiguidade Clássica, o épico era designado à categoria que tratava dos aspectos elevados da virtude humana (VICKERS, 1983, p.500-509). No entanto, essa divisão ensejava questionamentos acerca das licenças concedidas aos poetas no uso de mecanismos da tradição pagã para tratar de matéria sacra. Com isso em mente, é pertinente nos aproximarmos do texto miltoniano sob a luz de modelos de épicas escriturais precedentes, como a do livro de Jó.

A categorização desse livro enquanto épica é fruto de uma iniciativa harmonística de integração dos textos pagãos à tradição letrada cristã, que visava utilizar certos recursos formais daqueles textos pagãos como parâmetro de exaltação do mérito da forma e da beleza das escrituras sagradas. Nesse movimento, propunha-se que a origem de certos elementos da retórica clássica se encontrava nos próprios textos bíblicos, os quais seriam compêndios de verdades absolutas. Desse modo, a épica de Jó figuraria como uma das fontes primárias de características formais do gênero épico, bem como a matéria elevada por excelência (LEWALSKI, 1966, p.10-21).

A tradição exegética cristã protestante interpretava a narrativa sobre Jó de maneira que se ressaltavam os percalços sofridos pela personagem, sua resiliência e sua vulnerabilidade enquanto homem, e a restituição daquilo que ele perdeu, através da vitória pela fé e resistência firme ao diabo. Nessa leitura, Jó cai de uma posição de prosperidade para uma de grande miséria. O caráter crescente das ações do enredo, no qual um herói maravilhoso supera desafios cada vez mais difíceis e, por fim, alcança a vitória, garantida pela providência divina, permite que se leia o poema de Jó como épica (LEWALSKI, 1966, p.18-22). No entanto, cabe ressaltar que o tecido teológico e moral que sustentava essa exegese engajava com discussões acerca da virtude cristã e, a nível fundamental, com a virtude e o vício humanos em si, os quais possuíam estreita relação com o epidítico.

Em *Milton's Brief Epic* (1966), Lewalski investiga a relação de *Paradise Regained* com esse texto bíblico, mas também elenca precedentes na produção letrada anterior a *Paradise Regained* que são incorporados ao texto, por fornecerem orientação no quesito representação de matéria sacra. A seguinte passagem em *Reason of Church Government* (1642, p.38) aponta para o interesse do poeta em produzir algo dentro do gênero épico, e a concepção de que o livro de Jó era, em si, uma pequena épica: “[...] that Epick form whereof the two poems of Homer, and those other two of Virgil and Tasso are a diffuse, and the book of Job a brief model...” Nessa passagem, ainda é possível encontrar referências a obras e poetas que produziram obras dentro do gênero épico, como Homero, Vergílio, Tasso, o próprio livro de Jó, entre outros. A presença desses nomes denuncia as influências do poeta com relação à sua concepção do que constituía o gênero épico, e nos oferece os parâmetros dentro dos quais analisar *Paradise Regained* estruturalmente. Lewalski (1966, p.102) propõe que certos elementos formais da concepção, estruturação e até certos ecos verbais do poema miltoniano, bem como sua estrutura de quatro livros, devem-se a precedentes estabelecidos por diversas pequenas épicas escriturais, como o *Evangeliorum libri IV*, de Juvenco, e o *Carmen Paschale*, de Sedúlio, para citar alguns. Os mecanismos do épico bíblico presentes em *Paradise Regained*, oriundos da tradição épica bíblica, são adaptados aos propósitos do poema. Alguns elementos são deixados de lado, como um sumário da história cristã e da vida do herói, ou episódios análogos parodiando o episódio principal. Outros são conservados, como uma proposição e uma invocação; dois conselhos infernais; uma profecia a respeito da vitória de Cristo sobre Satã; um catálogo dos reinos do mundo, entre outros (LEWALSKI, 1966, p.109-110).

Milton segue a tradição exegetica que atribui caráter épico ao poema sobre Jó, especialmente no que tange à escolha de um tema relativamente pacífico para o desenvolvimento de *Paradise Regained*. Precedentes literários sobre o episódio da tentação de Cristo são basicamente inexistentes, mas o potencial desse momento para ser explorado dentro dos parâmetros do épico se torna evidente no poema, pois há a transmutação do combate entre herói e antagonista para o plano espiritual, que, considerando Satã e Cristo, pode representar a eterna batalha espiritual à qual o homem está sujeito desde o momento da queda da humanidade (LEWALSKI, 1966, p.104). O narrador, na abertura do poema, refere-se a esse tema como estando acima do heroico: “[...] to tell of deeds / Above heroic” (PR, 1.14-15). Assim como no livro de Jó, o embate entre Cristo e Satã é desenvolvido dentro das balizas do épico, e segue a fórmula humanista de retratar certos episódios da vida de Cristo como uma alusão tipológica (LEWALSKI, 1966, p.103), permitindo que se realize um comentário em perspectiva sobre momentos da história cristã como um prenúncio da vinda do Messias, mas também sobre o papel individual do homem na restauração da humanidade.

Ao tratar o episódio da tentação de Cristo dentro dos parâmetros do épico, Milton faz emprego de figuras marciais no desenvolvimento do seu caráter, assim como ocorre no livro de Jó. Lewalski (1966, p.104-106) aponta as instâncias nas quais Cristo é descrito utilizando vocabulário bélico, mas observa que o embate entre Satã e Cristo permanece no âmbito intelectual. Lewalski (1966, p.105) sugere que Milton emprega essa estratégia por crer que sua audiência seria mais cativada pela batalha moral e pelas implicações de heroísmo elevado, bem como a derrota de intenções malignas e infernais pela sabedoria, do que por cenas de proeza marcial física de Cristo. A

autora conclui (LEWALSKI, 1966, p.106) que a maneira como as descrições de Cristo são feitas, o elemento marcial da construção de seu caráter, permite que a personagem seja lida como a epítome de todas as outras figuras heroicas anteriores, e aquela batalha, como a completude de todos os embates morais já vistos até então em outras épicas.

Lewalski (1966, p. 08) propõe que as tradições de épicas bíblicas precedentes que influenciam *Paradise Regained* devem ser compreendidas como tradições literárias e de exegese cristã que permeiam o poema de modo geral, devido ao contato que Milton — assim como outros homens letrados de sua época — teve com elas, e não como recepção direta de textos específicos. Assim, explorar a relação de *Paradise Regained* com a épica de Jó consiste mais na investigação das formas e dos pressupostos presentes na tradição letrada europeia de produção de épicas escriturais, presente desde a Antiguidade Tardia até o período Primeiro Moderno, do que em analisar a possível recepção direta de textos específicos.

Por outro lado, Vickers (1983, p.502) aponta que um dos tópicos mais prevalentes para a produção letrada do período renascentista, especialmente no que tange à épica, era o reino humano do vício e da virtude. O epidítico era frequentemente usado na abordagem desses temas, por conta de sua característica moralizante, e o poeta, representando essas virtudes de maneira laudatória, executava a importante função de estimular o público leitor a desejar emulá-las (VICKERS, 1983, p.503). Recorrendo a Aristóteles, Vickers (1983, p.503) aponta que muitas virtudes ecoam características heroicas, a citar: justiça, coragem, temperança, magnificência, magnanimidade, liberalidade, gentileza, prudência e sabedoria. As características da virtude delineadas por Aristóteles assemelham-se ao caráter ideal do herói, de modo que era esperado que essa virtude fosse representada através do emprego de mecanismos da retórica epidítica, dada a função moralizante do gênero.

Essa função do epidítico envolvia não apenas a estruturação formal do discurso, mas também a maneira como aquele discurso era proferido ao público, pois demandava que o orador se apresentasse à audiência de maneira adequada ao que estava sendo dito. Os manuais de Menandro e Hermógenes oferecem um panorama das funções e das formas do epidítico, ao passo que Fraunce, em *The Arcadian Rhetorike* (1588), instrui sobre a relação do comportamento do orador e o tom do discurso. Com esses parâmetros, é possível investigar a construção do caráter de Cristo no que tange às virtudes humanas exaltadas através da construção do *éthos* da personagem, e também como esse efeito é alcançado através de escolhas específicas de termos descritivos.

Nessa construção, são recebidos mecanismos de formulação de caráter vistos em outros heróis da cristandade, como Madalena, José e Jó, para citar alguns. Esses, contribuem para uma interpretação da batalha interna vivida por Cristo (e por esses outros heróis santos) como sendo maior e mais digna de louvor do que qualquer batalha física. Por causa desse fator, o aspecto moral da construção do caráter de Cristo no poema é acentuado, pressupondo-se a presença de um elemento laudatório nessa mecânica, mas também engajando com a ideia de que a experiência cristã na terra é essencialmente luta e resistência. Esse conceito é exemplificado pelo seguinte trecho da missiva de Paulo aos Efésios:

10 Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. 11 Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. 12 Pois o nosso combate não é conta o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais.
(Efésios 6: 10-12)

Nesse sentido, Cristo fornece o modelo da luta interna pela alma, que fora renunciado em Jó. Milton busca em Jó o exemplo principal de sabedoria, resiliência e paciência, e define o alto heroísmo como um ato de auto conquista. Essa definição é vista especificamente em *PR*, 2.466-67: “Yet he who reigns within himself, and rules / Passions, desires, and fears, is more a King [...]” e em *PR*, 3.88-95³:

But, if there be in glory aught of good,
It may by means far different be attained
Without ambition, war, or violence;
By deeds of peace, by wisdom eminent,
By patience, temperance; I mention still
Him whom thy wrongs with saintly patience borne,
Made famous in a land and times obscure;
Who names not now with honour patient *Job*?

Cristo aponta Jó como exemplo de temperança, paciência e sabedoria, e é visto ao longo do poema numa posição similar à da outra personagem: sozinho, aparentemente abandonado por Deus, suportando a todos os imensos males por conta própria. Essa construção promove uma leitura de Cristo enquanto homem comum, assim como seu precedente. No entanto, esse tipo de interpretação — Cristo enquanto totalmente humano —, seria facilmente considerada sacrílega e, portanto, rejeitada. Em *Paradise Regained*, porém, esse elemento humano é complementado pela sua origem divina, que não apenas é referenciada em diversas passagens do poema (*PR*, 1.86-87; 1.91-93; 1.122; 1.135-136, entre outras, citando apenas o livro I), mas que também é apontado no momento em que se descreve seu batismo (*PR*, 1.18-32).

Ao tratar do elogio ao imperador, Menandro aconselha que a fama e as virtudes desse governante sejam elogiadas, bem como seu país de origem e sua família (*Peri epideiktikon*, Tratado II, I-II, 10-20). Esses elementos são colocados em primeiro lugar no processo de construção do panegírico, o que denuncia a importância desses itens para o processo de construção e elogio da imagem de um governante. Na construção do caráter heroico de Cristo, entram, portanto, elogios à sua dupla origem: a divina e a humana. Aquela, legítima seu papel na restauração da humanidade, pois é sustentada pela providência divina. A humana, por outro lado, o legítima enquanto modelo a ser seguido pelo homem, para que este possa ser agente de sua própria restauração. Um dos exemplos dessa natureza mista de Cristo está em *PR*, 1.150-151: “He [Satan] now shall know I can produce a man / Of female seed [...]”⁴, na qual o próprio Deus salienta o papel da sua vontade no nascimento de Cristo, mas indica o meio através do qual ela tomará forma.

3 “Mas se há na glória algo de bom, isso será obtido por meios deveras diferentes, livres de ambição, guerra ou violência — por feitos de paz, pela sabedoria eminente, pela paciência e temperança. Relembro ainda aquele que, com santa paciência, tolerou suas vis investidas, o que o tornou famoso em terras e tempos obscuros: quem negaria chamar de honroso o paciente Jó?”

4 “Ele [Satã] agora deverá saber que eu posso produzir um homem / de Semente feminina [...]”

No entanto, são diversas as instâncias em *Paradise Regained* que fazem uso do elogio à origem de Cristo para construir o seu caráter heroico. Na abertura do poema, temos: “By one man’s disobedience lost [...] / By one man’s firm obedience fully tried / Through all temptation [...]” (PR, 1.2-5)⁵, na qual Cristo é colocado em paralelo com Adão e a virtude pela qual o Messias é julgado é trazida à tona — sua obediência, que é capaz de recuperar para toda a humanidade o Paraíso. Somos lembrados de que Cristo é semente de Adão e, portanto, a oportunidade do pai da humanidade de exercer a obediência que lhe faltou no momento da queda. A obediência acaba sendo a virtude pela qual o homem, num geral, é julgado dentro das leis de Deus no poema, que o conecta aos primórdios da criação. Desse modo, Cristo é julgado por sua natureza humana, mas também por incorporar o valor cristão primordial da obediência e se ater a ele mesmo diante de tentações que o afligem de todas as maneiras (*fully tried*). Sua existência na terra é ancorada na figura de Adão, o primeiro dos homens e a origem da raça humana, o que torna a personagem Cristo igualmente emblemática — através de seu sacrifício, uma nova humanidade poderá surgir, restaurada.

Que Cristo é o Filho é inquestionável: “By proof the undoubted Son of God” (PR, 1.11)⁶, e a prova à qual o narrador se refere vem a seguir:

Now had the great Proclaimer, with a voice
More awful than the sound of the trumpet, cried
Repentance, and Heaven’s Kingdom nigh at hand
To all baptized: to his great baptism flocked
With awe the regions round, and with them came
From Nazareth the Son of Joseph deemed
To the flood Jordan, came as then obscure,
Unmarked, unknown. But him the Baptist soon
Descried, divinely warned, and witness bore
As to his worthier, and would have resigned
To him his heavenly office. Nor was long
His witness unconfirmed: on him baptized
Heaven opened, and in likeness of a Dove
The Spirit descended, while the Father’s voice
From Heav’n pronounced him his beloved Son.
(PR, 1.18-32)⁷

Até o momento em que João Batista o vê e é alertado de seu valor pela providência divina, Cristo ainda era visto apenas como um homem entre outros (*Unmarked, unknown*). Cristo é reivindicado como filho e campeão de Deus no momento de seu batismo. Há uma intervenção divina direta do Espírito na forma de uma pomba branca, que legitima o status de Cristo enquanto campeão de Deus. No momento de sua condecoração, as testemunhas são os batizados de todos

5 “Perdido pela desobediência de um homem [...] / Pela firme obediência de um homem, plenamente desafiada / Através de todas as tentações [...]”

6 “Comprovadamente, sem dúvidas o filho de Deus”

7 “Agora, o grande Proclamador havia anunciado a contrição, com uma voz mais terrível que o som da Trombeta, e o reino dos Céus ao alcance das mãos para todos os batizados. Em bando, se reuniram para o seu grande batismo, de todas as regiões do mundo, e com eles vieram, de Nazaré, aquele que se acreditava ser filho de José. Veio para o rio Jordão, veio até então obscuro, não marcado, desconhecido. Mas, ele, o Batista logo percebeu e, tendo recebido o aviso dos céus, percebeu nele o seu superior. E teria aberto mão de sua Função Divina para ele, mas seu testemunho não ficou sem confirmação por muito tempo. Com ele batizado, o Céu se abriu e o Espírito desceu sob a forma de uma pomba, enquanto a voz do Pai, vinda das alturas, o proclamou seu amado filho.”

os cantos da terra. Dentre todos estes, Cristo fora escolhido, e sua emancipação diante dos povos tanto mostra sua origem humana, quanto apresenta a esses mesmos povos o seu legítimo salvador. Curiosamente, esse fenômeno é apontado pelo próprio Satã em *PR*, 1.75-79.

O destino de Cristo enquanto salvador da humanidade e sua função enquanto campeão de Deus são desconhecidos até então para o resto do mundo, excetuando-se Maria, que o soube através de uma profecia (*PR*, 1.238-240). Mas o próprio Cristo demonstra uma compreensão do seu papel a partir da infância, como ele aponta em *PR*, 1.201-225, e é respaldado por sua mãe em *PR*, 1.229-258. Nem mesmo Satã parece estar ciente de quem Cristo é (*PR*, 1.91-93), tendo conhecido apenas o Filho em sua forma celestial, quando este os expulsou dos Céus. A natureza dupla de Cristo, humana e divina, intriga Satã (*man he seems [...], though*), que percebe a urgência de descobrir quem esse oponente é: ou homem comum (e, portanto, sujeito à mesma tentação que derrubou Adão) ou seu antigo nêmesis.

Satã relembra que a vinda de seu oponente final fora prenunciada e traz à tona a profecia que fala de sua derrota pela semente de Eva: “[...] that fatal wound / Shall be inflicted by the seed of Eve / Upon my head [...]” (*PR*, 1.53-55)⁸. Isso nos mostra que muito da caracterização de Cristo enquanto herói se apoia em lembrar-nos de sua origem divina, utilizando-se especialmente daquelas instâncias nas quais sua vinda fora prenunciada por alguma profecia. Cristo está fadado a derrotar Satã e seus companheiros (*Destined to do this*), mas essa também é a razão de sua existência, que, desde a juventude, já demonstrava causa para o inimigo temer: “But his growth now to youth’s full flower, displaying / All virtue, grace and wisdom to achieve / Things highest, greatest, *multiplies my fear*” (*PR*, 1.67-69, grifo nosso)⁹.

Há mérito no papel de Cristo enquanto herói nesse pequeno deslize de Satã em frente aos seus companheiros. O Satã de *Paradise Lost* não admitiria sentir medo diante de um oponente, mas teria tentado demonstrar a gravidade da situação para seus companheiros, e se promovido como único salvador possível. Em *Paradise Regained*, Satã ainda se apresenta como sendo capaz de dar conta desse inimigo e novamente se lança na empreitada de tentar derrotá-lo. No entanto, a profecia, da qual o próprio Satã está ciente, já introduz Cristo como um oponente implacável.

Além de apoiar a construção do caráter divino em menções da profecia sobre a vinda do Messias, o narrador nos lembra de sua dupla natureza, humana e divina, em múltiplas passagens do texto (*PR*, 1.86-87, 1.130-142, 1.150-151, 1.1.165-167, para citar algumas, apenas no livro I). A origem divina contribui para a legitimação do papel de Cristo enquanto salvador da humanidade, mas essa função é tratada justamente como isso: uma função, um ofício, que requer trabalho e um esforço consciente para que o plano de Deus seja executado. Cristo vai para o deserto para refletir sobre a dimensão de sua tarefa e pensar em qual a melhor maneira para fazer conhecer suas obras (*PR*, 1.183-188). A ciência de sua função e a lucidez com relação ao futuro desenrolar das coisas evidenciam que, apesar de sua existência estar respaldada pela providência divina, ainda cabe a Cristo escolher quais caminhos e atitudes contribuirão para a glória final de Deus.

8 “[...] o momento em que aquela ferida fatal será dada, pela semente de Eva, em minha cabeça.”

9 “[...] Mas seu presente amadurecimento até a flor da juventude, mostrando toda a virtude, graça e sabedoria para alcançar as coisas melhores e mais elevadas, multiplica meu medo.”

Seu uso da razão, portanto, é colocado no mesmo patamar que sua origem divina, no que tange à legitimação de sua figura enquanto campeão de Deus.

A importância da combinação do humano e do divino é vista na passagem em que Cristo relembra seu desejo desde a infância de libertar Israel do cabresto de Roma e, com isso, encerrar a brutalidade e o poder tirânico, para que a verdade fosse libertada e a igualdade, restaurada. Cristo diz que realizar essa tarefa é mais humano e mais divino quando feito através da persuasão pela palavra: “[...] Yet held it more humane, more heavenly, first / By winning words to conquer willing hearts / And make persuasion do the work of fear; / At least to try, and teach the erring soul” (*PR*, 1.221-224)¹⁰. Isto é, para que a libertação aconteça a nível espiritual, é preciso que haja um elemento humano trabalhando conjuntamente à providência divina. Desse modo, é de suma importância que se evidencie a natureza dupla de Cristo, para que se reitere a necessidade de volição humana individual no processo de restauração tanto de indivíduo quanto de sociedade.

Essa combinação de divino e humano se torna mais emblemática na construção da figura de Cristo quando consideramos que, até o momento em que ele é batizado e reivindicado como filho e campeão de Deus, ele estava *unmarked, unknown*. No entanto, desde a infância, seus pensamentos estavam voltados para a libertação do povo de Deus e a disseminação da Palavra. Isso nos diz que, para que o Filho pudesse renascer num homem, era necessário que esse homem vivesse de acordo com as leis de Deus e tivesse a vontade de dedicar sua vida a viver retamente. Na teologia miltoniana, apenas o livre arbítrio associado à razão é capaz de promover a restauração da humanidade no divino¹¹. Cristo tem o desejo de viver retamente, o que o torna modelo para o resto da humanidade, assim como Jó o fora antes dele. Assim, o livre arbítrio é colocado como peça fundamental no processo de restauração humana, pois permite que façamos escolhas que nos trarão para mais próximo do divino, como Cristo bem exemplifica.

Mais tarde, em uma das interações entre Cristo e Satã, a origem divina de Cristo e, portanto, sua autoridade enquanto salvador da humanidade, é desafiada:

Great acts require great means of enterprise;
Thou art unknown, unfriended, low of birth,
A carpenter thy father known, thyself
Bred up in poverty and straits at home;
Lost in a desert here and hunger-bit.
Which way, or from what hope, dost thou aspire
To greatness? Whence Authority deriv’st,
What followers, what retinue canst thou gain [...]
(*PR*, 2.412-419)¹²

Até o presente momento, a concepção de Cristo é atribuída a Maria e a Deus, com nenhuma menção ao seu pai humano. Satã propõe que Cristo é apenas um homem comum, vindo da

¹⁰ “Mas julguei que era mais humano, mais divino, conquistar, primeiro, através da palavra os corações abertos e deixar a persuasão fazer o trabalho do medo; para pelo menos tentar educar a alma errante.”

¹¹ Essa ideia é expressada brevemente na abertura de *The Tenure of Kings and Magistrates* (1649) e ao longo de *Pro Populo Anglicano Defensio* (1651).

¹² “Grandes atos exigem grandes recursos. Você é desconhecido, não tem amigos, é de baixo nascimento. Seu pai é conhecido por ser carpinteiro, você mesmo foi criado na pobreza e na dificuldade em casa. Perdido aqui no deserto e afetado pela fome, por qual caminho ou por qual fé você aspira à grandeza? De onde deriva sua autoridade? Que seguidores, que conselheiros pode ganhar [...]”

pobreza, filho de um carpinteiro. Isto é, Cristo não possui bens, meios ou respaldo familiar para exercer o tipo de poder que lhe é atribuído, e apontar as condições humildes de sua origem com uma conotação negativa serve a Satã quase como um pequeno vitupério de seu adversário. Satã argumenta que o poder de mover as massas está na riqueza, na influência política e nas posses, as quais ele oferta a Cristo. Este, no entanto, observa que essas coisas, sem a presença da virtude, do valor e da sabedoria, nada significam. Por conta de sua virtude e de sua origem humana e divina, Cristo é dotado da autoridade que Satã desafia, de modo que diz: “[...] Yet he who reigns within himself, and rules / Passions, Desires, and Fears, is more a King; [...]” (PR, 2.466-467)¹³. Com isso, Cristo argumenta que, além da autoridade garantida pela sua origem, há ainda a sua capacidade de governar a si próprio e suas pulsões humanas, ou seja, sua moderação o torna apto a liderar.

Cristo resiste firmemente às investidas de Satã, e o vocabulário empregado para descrever suas respostas contribui para a criação de uma imagem de impassividade e de fortaleza mental impenetrável. A todo o tempo, sua humanidade é ressaltada, mas também sua origem divina, a qual encontra expressão através do seu reconhecimento por outras personagens do poema e pelo próprio narrador. No entanto, o comportamento de Cristo também contribui para a formação dessa imagem, o que discutiremos sob a luz do que diz Fraunce a respeito dos aspectos da retórica que competem à sua recepção pelo leitor em *The Arcadian Rhetorike* (1588).

No primeiro capítulo do segundo livro, Fraunce enfatiza a importância da adequação da voz ao discurso, posto que uma voz inadequada é capaz de trazer desgraça para qualquer discurso. É primordial que a voz não seja nem muito baixa, nem muito alta, para que o ouvinte não seja assediado por um som abrupto, nem tenha que se esforçar para ouvir o que é dito durante um longo período de tempo. Um agride os ouvidos, e o outro, cansa. Fraunce se refere, evidentemente, a aspectos do discurso falado. No entanto, suas admoestações são aplicáveis ao texto escrito, especialmente às falas de personagens. Descrever a maneira que uma personagem se comunica ilustra a maneira como aquela fala ou discurso seria realizada, permitindo que o leitor o imagine com mais clareza. Apesar de não gerar o mesmo tipo de impacto que um discurso falado teria nos ouvidos do leitor, esse mecanismo permite imaginar a voz e visualizar a personagem que profere aquele discurso.

Fraunce orienta sobre o tipo de voz que deve ser empregada em cada classe de *affectus*. Por exemplo, em algo penoso e lamentoso, a voz deve ser cheia, soluçante, flexível e hesitante. Com raiva, deve ser estridente, ríspida, veloz e curta. Com medo e vergonha, deve ser contida, gaguejante, trêmula. Em alegria, felicidade ou prazer, deve ser macia, suave, fluído com doçura. Em angústia e luto sem compaixão, deve ser uma voz oca que parte do fundo da garganta, grunhindo. Com desejo, deve ser calmante, lisonjeira, gratificante, uma voz suave e submissa. Para representar esse aspecto da *actio* retórica em um texto escrito, Milton usa da voz do narrador como sinalizador. Cristo, diante da tentação, responde *sternly* (PR, 1.406; 4.367), *with unaltered brow* (PR, 1.493), *temperately* (PR, 2.378), *patiently* (PR, 2.432), *calmly* (PR, 3.43), *unmoved* (PR, 3.386; 4.109), *sagely* (PR, 4.285).

As únicas instâncias nas quais Cristo responde com um pouco menos de compostura são quando Satã acusa Deus de desejar a glória pessoal, assim como qualquer outro líder de povos

13 “Mas aquele que reina sobre si mesmo, e controla as paixões, os desejos, e os medos, é mais rei [...]”

hereges, ao que Cristo responde fervorosamente (PR, 3.121); e quando Satã propõe que Cristo o cultue como a um deus, e assim terá domínio sobre os reinos da terra, ao que Cristo responde com desdém (PR, 4.170). Segundo Hermógenes, o caráter é evidenciado através da expressão de modéstia e simplicidade, bem como pela verdade e uma conduta não afetada, e pela indignação (*Peri ideōn*, 2.322). Percebe-se que, retoricamente, a personagem Cristo é construída para promover a imagem de fortaleza mental inabalável diante das tentações, mas que demonstra paixão ao defender a justiça das coisas divinas, e que retém apenas desprezo pela mentira.

É digno de atenção que certas instâncias do poema escrevam a compleição de Cristo como um reflexo da glória do Pai. Cristo é indubitavelmente humano, no entanto, parece haver uma expressão física da graça divina nas feições daqueles que a buscam. Essa expressão, dada a conotação positiva de sua descrição, parece resultar em beleza, de maneira que se sugere que a graça e o viver correto são capazes de transformar ao fiel e ao mundo de modo a retorná-los a um estado de beleza primordial. Chamamos atenção para a seguinte descrição física de Cristo: “[...] Man he seems / In all his lineaments, though in his face / The glimpses of his Father’s glory shine” (PR, 1.91-93)¹⁴. A glória divina é parcialmente percebida através de breves vislumbres, o que ecoa a descrição do Filho em *Paradise Lost* e ressalta a origem divina de Cristo: “Beyond compare the Son of God was seen / Most glorious. In Him all His Father shone / Substantially expressed and in His face / Divine compassion visibly appeared” (PL, 3.138-141).¹⁵ Essa continuidade entre as obras no que tange à representação de Cristo contribui para a leitura da personagem em *Paradise Regained* como uma possibilidade de redenção cuja legitimidade se pauta em sua natureza dupla. Em *Paradise Lost*, a oferta do Filho estabelece a possibilidade de restauração da humanidade, que é confirmada em *Paradise Regained*, e o caminho para a redenção é introduzido e ensinado.

Essa construção de sua imagem se estende para a descrição de suas ações, que possui respaldo em Fraunce. Este diz que os gestos dos braços e das mãos, e de outras partes do corpo, fazem parte do discurso. Um braço esticado, a gesticular, parece lançar o discurso à frente; as mãos, juntas, podem significar dúvidas ou orações; e a posição dos dedos pode significar urgência ou uma tentativa de apontar algo. De modo geral, os gestos contribuem para que se estabeleça o tom do discurso. Em *Paradise Regained*, Cristo não gesticula durante seu embate verbal com Satã. Por outro lado, ele é descrito em termos que criam uma imagem taciturna. Cristo permanece em *Bethabara* por alguns dias, absorto em pensamentos sobre sua tarefa (PR, 1.185). Anda sozinho até o deserto, guiado apenas pelo Espírito (PR, 1.189), profundamente concentrado em seus pensamentos, para melhor conversar com a solidão (PR, 1.190-191).

A impressão obtida com essa descrição é a de uma figura solitária e propensa a se afundar em pensamentos, a qual se repetirá ao longo do poema (a citar, os momentos PR, 1.195-196; 2.110; 2.244; 2.261). Isso contribui para que se forme uma imagem de alguém que está o tempo todo em contato com o divino, devido ao seu estado de constante contemplação. A falta de uma reação de medo ou surpresa por parte de Cristo ao ser fisicamente transportado para locais elevados (PR, livros III e IV) também contribui para que se leia a personagem como alguém inabalável. A fome

14 “[...] ele aparenta ser homem em todas as suas características, porém, em sua face, brilham vislumbres da glória de seu Pai.”

15 “Sem par em verbo o Filho de Deus veio / Glorioso mais, nele todo o Pai fulgiu / Substancialmente expresso, e na face / Visível compaixão de Deus mostrou” (*Paradise Lost*, tradução de Daniel Jonas, 2021)

não o derrota e a vulnerabilidade física não o assusta, pois ele está seguro em sua fé. A interação entre Cristo e Satã, com a tentação, chega a ser comparada a um enxame de moscas que, banidas, continuam voltando para o entorno de uma prensa de vinho, e ao mar que rebenta sobre as rochas sólidas (PR, 4.15-17).

Nessas comparações, evidencia-se a resiliência e capacidade de resistir às tentações da personagem, o que sugere que o heroísmo de Cristo reside no plano intelectual e espiritual. Desse modo, mesmo não havendo embate físico e que os termos utilizados para descrever a resistência de Cristo criem um ar de certa passividade, isso apenas mostra que Cristo é um soldado preparado e que consegue plenamente fazer uso de suas armas. Em *Paradise Lost*, o Filho é enviado para encerrar a rebelião dos anjos e evitar que houvesse um terceiro dia de batalha entre as hostes de Satã e de Miguel. O Filho monta uma carruagem e assola o campo de guerra, logrando a vitória dos Céus (PL, 4.680-866). Em *Paradise Regained*, Cristo trava um embate no plano espiritual. Em sua atitude taciturna, há um elemento marcial decoroso para a épica escritural, que se apoia na ideia de batalha espiritual pela alma, citada anteriormente com a missiva de Paulo aos Efésios. A origem humilde de Cristo o afasta daquelas figuras superiores em status social e tipo físico da épica clássica. No entanto, ele é um soldado apto, pois não lhe é necessário pertencer a quaisquer dessas categorias, visto que sua concepção e propósito são em prol de fornecer ao homem comum o modelo para a restauração.

De certa forma, Cristo é comparado a outra versão de si mesmo, que também foi vitoriosa na luta contra o inimigo. Há verossimilhança na representação de Cristo com a ausência de batalhas físicas, pois sua proeza bélica já foi comprovada em outro momento. Pretende-se, agora, demonstrar a força de sua fé, através do episódio de sua tentação e inevitável vitória: “Victory and triumph to the Son of God / Now entering his great duel, not of arms, / But to vanquish by wisdom hellish wiles!” (PR, 1.173-175)¹⁶.

Na passagem “[...] by one man’s firm obedience” (PR, 1.4)¹⁷, a recuperação do paraíso apenas é possível via exercício de firme obediência. Por ser homem e, portanto, sujeito às provações terrenas, o heroísmo das ações de Cristo é legitimado em sua humanidade. Cristo escolhe permanecer no caminho da obediência e, por isso, a graça divina está com ele, auxiliando-o e nutrindo-o. Assim, permanecer num estado de graça é uma escolha, posto que a graça é disponível a todos. No entanto, é preciso escolhê-la. Adão homem escolheu abandonar seu estado de graça ao desobedecer a única lei de Deus até então e, assim, perdeu-se o paraíso. Para recuperar esse paraíso, portanto, é preciso escolher permanecer obediente. Cristo faz o que Adão não foi capaz, e, assim, o redime, ao redimir sua semente. A queda e a redenção da humanidade acontecem e são resolvidas ambas no plano mortal, por Adão e sua prole.

Em dado momento do poema, Satã, com cada vez mais dificuldade em formular estratégias capazes de confundir seu oponente e influenciar seu julgamento, apela para a diferença de posições que ocupam e tenta pôr em dúvida a humanidade de Cristo:

16 “Triunfo e vitória ao Filho de Deus, que agora adentra seu grande duelo, não com armas, mas para dizimar, pela sabedoria, as artimanhas infernais!”

17 “[...] pela firme obediência de um homem.”

Sharply thou hast insisted on rebuke,
 And urged me hard with doings which not will,
 But misery, hath wrested from me. Where
 Easily canst thou find one miserable,
 And not enforced oft-times to part from truth,
 If it may stand him more in stead to lie,
 Say and unsay, feign, flatter, or abjure?
 But thou art placed above me, thou art Lord
 (PR, 1.468-475)¹⁸

Satã argumenta que suas ações errôneas foram resultado da miséria na qual se encontrava, e que, apenas por isso, ele mentiu e enganou. Cristo, por outro lado, jamais precisou agir de maneira semelhante, pois, sendo Senhor das nações, nunca esteve em estado de miséria. Estando acima de tudo e de todos, nenhuma tentação é desafio real para ele, ao passo que, aqueles que caem, o fazem por terem sido criados já com essa predisposição. A fala de Satã ataca a legitimidade do papel de Cristo enquanto salvador da humanidade ao sugerir que este é incapaz de compreender a necessidade extrema que leva qualquer um a pecar. Satã já fizera argumento semelhante em *Paradise Lost*:

O had His pow'rful destiny ordained
 Me some inferior angel! I had stood
 Then happy: no unbounded hope had raised
 Ambition [...] But say I could repent and could obtain
 By act of grace my former state. How soon
 Would heighth recall high thoughts? How soon unsay
 What feigned submission swore? Ease would recant
 Vows made in pain as violent and void
 [...] Which would but lead me to a worse relapse
 And heavier fall.
 (PL, 4.58-61 / 93-101).¹⁹

A fala da personagem ignora intencionalmente o papel do livre arbítrio²⁰ na busca e manutenção de todas as criaturas no estado de graça. No entanto, Cristo não se abala com as implicações da fala de Satã ou com o ataque à sua legitimidade enquanto salvador: “[...] our Saviour, *with unaltered brow*: / “Thy coming hither, though I know thy scope, / I bid not, or forbid; do as thou find’st / Permission from above; thou canst not more” (PR, 1.493-496, grifo nosso)²¹. Cristo não comanda ou previne os males do mundo, mas demonstra estar sujeito a eles por conta de sua humanidade.

18 “Rispidamente, você insistiu em minha penalização e me condenou por feitos que, não a vontade própria, mas a miséria impôs; onde poderás, com facilidade, encontrar um que, na miséria, não se veja forçado a abrir mão da verdade, caso mais lhe convenha mentir, dizer e desdizer, fingir, bajular e abjurar? Mas você está acima de mim, você é o Senhor.”

19 “Oh, fosse ele ordenar-me por destino, Sorte de anjo menor, manter-me-ia feliz então, nenhuma esperança livre nutriria ambição. [...] Mas fosse então possível o remorso e por graça cedesse ao estado antigo. Cedo alto posto altos planos teria, negando à submissão as juras falsas; paz votos de dor, vãos e coactos, seda. [...] Tal só me levaria a maior queda.” (*Paradise Lost*, tradução de Daniel Jonas, 2021)

20 Milton trata de questões relacionadas à liberdade individual em *Pro Populo Anglicano Defensio* (1651) e em *The Tenure of Kings and Magistrates* (1649), no que tange à organização e distribuição do poder em sociedade. De modo geral, o poeta promulga a ideia de que todos os homens nasceram livres e à imagem de Deus, o que garante o direito de governo sobre si e todas as outras criaturas. Essa liberdade precede quaisquer acordos de organização política oriundos das condições em que a sociedade se desenvolveu, de modo que é justo, diante das leis naturais e divinas, que se deponha um líder tirânico, pois este ofende a supremacia natural do povo resguardada no divino. Essa supremacia existe a nível coletivo, mas requer que o indivíduo aja de maneira a honrar essa liberdade através de escolhas racionais que contribuam para a sua restauração enquanto criatura caída.

21 “[...] nosso Salvador, sem alterar a expressão: sua vinda até aqui, ainda que eu saiba seu propósito, não permito ou proíbo; faça o que o Céu permitir; você não pode mais do que isso.”

Mostra, acima de tudo, que é livre para resistir-lhes, assim como todos aqueles que buscarem a graça. Logo, sua mortalidade, posta em dúvida por Satã, é restaurada. Cristo é vulnerável em corpo, pois, mais tarde, não resistirá às súbitas mudanças de cenário provocadas por Satã — e no fim absoluto, à crucificação. Mas a morte é, justamente, pré-requisito para a imortalização do herói (NAGY, 2017, p.51). Cristo derrota o Pecado na cruz; três dias depois, conquista a Morte. Assim, cumpre a promessa estabelecida no início do poema: “I send him forth / To conquer Sin and Death, the two grand foes (PR, 1.158-159)²², e adere à tópica da épica clássica do retorno ao lar, *nóstos* (NAGY, 2017, p.51), posto que nos mostra o caminho para recuperar o paraíso.

A construção do caráter de Cristo enquanto campeão de Deus é realizada através do emprego de vocabulário elogioso e de mecanismos formais da épica bélica clássica e escritural. Estes condizem aos pressupostos que regiam o decoro interno de *Paradise Regained*, conforme o que era vigente no regime discursivo da Primeira Modernidade para a verossimilhança na representação de episódios bíblicos, ou seja, adequando-se os elementos clássicos à poesia escritural. Especificamente, na construção do caráter de Cristo, há a ênfase na representação e elogio da sua dupla origem, humana e divina. Com isso, a representação de Cristo permite engajar em discussões acerca da experiência individual de redenção humana, que postulam a vivência cristã como uma batalha constante pela alma, mas também revela certas tendências nas práticas letradas da Primeira Modernidade no que tange ao elogio às virtudes.

Referências

EFÉSIOS. BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: PAULUS, 2002.

FRAUNCE, A. **The Arcadian rhetorike**: or the praecepts of rhetorike made plaine by examples Greeke, Latin, English, Italian, French, Spanish, out of Homers Ilas, and Odissea, Virgils Aeglogs, [...] and Aeneis, Sir Philip Sydnieis Arcadia, songs and sonets. London: Thomas Orwin, 1588. Disponível em: <<http://name.umdl.umich.edu/A01224.0001.001>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

HERMOGENES. *Peri ideōn*. In: WOOTEN, Cecil W. **Hermogenes' on types of style**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1987.

LEWALSKI, B. K. **Milton's Brief Epic**: The genre, meaning and art of *Paradise Regained*. Providence: Brown University, 1966.

MENANDRO. *Peri epideiktikon*. In: RUSSELL, Donald A.; WILSON, N. G. **Menander Rhetor**: a commentary. Oxford: Clarendon, 1981.

MILTON, J. **Paradise Lost**. 2^a ed. TESKEY, Gordon (ed.) New York: Norton & Company, 2020.

²² “[...] eu o envio adiante para conquistar o Pecado e a Morte, os dois maiores inimigos.”

MILTON, J. **Paradise Regained**. 7^a ed. HALES; JERRAM (ed.) London: Longman, 1891.

MILTON, J. **Paraíso Perdido**. 3^a ed. JONAS, Daniel (trad.), São Paulo: Editora 34, 2021, 896 p.

MILTON, J. **Pro populo Anglicano defensio**, 1651. *In*: DZELZAINIS, Martin (ed.) Milton: Political Writings. Cambridge: Cambridge University, 1991.

MILTON, J. **The tenure of kings and magistrates**, 1649. *In*: DZELZAINIS, Martin (ed.) Milton: Political Writings. Cambridge: Cambridge University, 1991.

NAGY, G. **O herói épico**. Felix Jacome Neto (Trad.) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

VICKERS, B. **Epideictic Epic in the Renaissance**. John Hopkins University: *New Literary History*, vol.14, n. 03, 1983, p. 497-537.